A IMPRENSA NO CEARÁ

NOTAS POR

JOÃO BAPTISTA PERDIGÃO DE OLIVEIRA

Ao Dignissimo Presidente do «Instituto do Ceará»

DESEMBARGADOR PAULINO NOGUEIRA

Continuação (*)

§

Minas Geraes foi o primeiro logar do Brazil que possuiu uma imprensa no presente seculo, e o primeiro tambem em que ella *resurgiu* depois da destruição, em virtude da celebre Carta Regia de 1747, da officina typographica de Antonio Izidoro da Fonseca, estabelecida no Rio de Janeiro.

(*) Vide Revista de 1897, pagina 187.

Graças á obsequiosidade de amigos, consegui ler os seguintes trabalhos, que são outros tantos subsidios a accrescentar aos que mencionei á pagina 129, relativamente ao que se ha publicado, quanto á imprensa Brazileira:

1.º *Esboço Historico acerca da fundação e desenvolvimento da imprensa nas Alagoas*, trabalho de real merecimento, que se deve á penna do illustrado Dr. João Francisco Dias Cabral, de saudosa memoria.

E o que ainda mais dá a Minas Geraes uma singular notoriedade no Brazil, é ter sido essa imprensa, bem como a typographia que se lhe seguiu e em que foi editado o primeiro jornal mineiro,—de producção toda mineira—chapas, prelos, typos e mais utensilios.

Apresentarei aqui aos bondozos leitores um rapido resumo das valiosissimas informações que a respeito ministrou-nos, em sua já citada importante monographia, (18) o illustrado Snr. Dr. José Pedro Xavier da Veiga, a quem cabe a satisfação de haver reivindicado para a opulenta e laborioza Minas essa honra indisputavel e que constitue tambem gloria purissima (conforme se exprimiu) para um dos seus filhos distinctos, cujo nome teve jasido em iniquo esquecimento, o Rvd.mo Padre José Joaquim Viegas de Menezes.

Antes das investigações de tão illustrado escriptor acreditou-se, por muito tempo, que pertencia, no Brazil, ao Rio Janeiro a primazia em ter possuido uma typographia no corrente seculo, sendo esta a *imprensa regia* mandada estabelecer pelo Principe Regente em 1808.

Em 1807 dirigia os destinos da Capitania de Minas Geraes, no caracter de seu Governador e Capitão General, Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello (mais tarde Visconde de Condeixa), que em contraste com alguns dos seus antecessores, taes como o sombrio Conde de Assumar (19) e o famigerado Luiz da Cunha Menezes, o bur-

---

2.º *A Imprensa*, luminosissimo artigo publicado pelo erudito Sr. Dr. Pires de Almeida, no qual se leem importantes informações sobre a imprensa no Brazil.

3.º *A Imprensa no Brazil*, pequeno porem valioso estudo do venerando Snr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro (1859).

4.º *A Imprensa no Brazil*, importante noticia dada pelo preclaro Historiador Brazileiro, de saudosa memoria, Dr. Antonio Joaquim de Mello Moraes (1862).

Como tenha, mais tarde, de me referir a todos estes escriptos, deixo, por ora, de fazer o resumo das opiniões, nelles emittidas, sobre a introducção e fundação da imprensa em nossa chara Patria: ficará para os lugares competentes.

(18) *A Imprensa em Minas Geraes.*

(19) D. Pedro de Almeida Portugal.

lesco heróe das *Cartas Chilenas* (20), era affavel, expansivo, e um apreciador da poesia, da musica e artes em geral e de seus cultores, a quem acolhia com benevolencia fidalga nos magnificos saráos que dava no Palacio da Villa Rica, ora festejando o seu anniversario e o de sua esposa, ora solemnizando datas regias e acontecimentos da epocha.

O Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, (pai do eminente estadista Brazileiro Bernardo Pereira de Vasconcellos), que por esse tempo tambem residia em Villa Rica (Ouro Preto) tendo composto um pequeno poema, o dedicára ao Governador, que, ou porque o assumpto muito lhe agradasse, ou porque vislumbrasse na enconmiastica dedicatoria a immortalidade do proprio nome, mostrou-se desejoso de fazer imprimil-o, sem demora.

Como realizal-o, porem, si no Brazil não existia então typographia alguma?

Mandar fazel-o em Lisbôa, seria protahir demaziadamente a desejada impressão, attendendo-se a que eram naquella epocha demoradissimas as viagens, havendo, em geral, somente uma vez annualmente navios para Portugal, quando comboiada por náo de guerra, voltava a frota, condusindo os *quintos de ouro* e diamantes e mais productos da colonia.

---

(20) E' satyrisado nessas Cartas sob o nome de *Fanfarrão Minezio*.

A respeito das *Cartas Chilenas* escreveu o illustrado Dr. J. A. Teixeira de Mello em suas *Ephemerides Nacionaes*:

«As afamadas *Cartas Chilenas*, satyra ao Capitão General de Minas D. Luiz da Cunha Menezes (*Fanfarrão Minezio* tal é o titulo que lhe dá o poema) que tem sido attribuidas a Claudio Manoel da Costa por uns, a Alvarenga Peixoto por outros e pelo Snr. Conselheiro Pereira de Souza aos dois de *liga e combinação* com Thomaz Gonzaga, são pelo primeiro Bibliotecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (D. frei Antonio de Arrabida Bispo de Anemuria) lançadas em conta de Gonzaga, como se vê do pequeno *Catalogo alfabetico dos Manuscriptos* da mencionada Bibliotheca no qual se lê: «Cartas Chilianas (*sic.*) Traduzi las em versos por Thomaz Antonio Gonzaga.»

Não desanimára o Governador ante essa difficuldade; pelo contrario, perseverando cada vez mais, illuminou-se-lhe o espirito em recorrer, para a realização de seu intento, aos talentos do illustre mineiro Rvd.mo Padre José Joaquim Viegas de Menezes, tambem residente em Villa Rica.

Não recorrêra em balde!

Ninguem em Minas Geraes, quiça no Brazil inteiro, a não ser o Padre Viegas, poderia dar cabal desempenho á semelhante incumbencia.

Dotado de viveza e penetração pouco vulgares, durante o tempo em que estivera em Lisbôa, onde fôra concluir seus estudos começados em Marianna, Viegas de Menezes, ainda jovem, não limitou-se aos estudos peculiares á carreira ecclesiastica, mas aproveitando-se da honroza amizade e protecção que lhe despensava o sabio botanico Brazileiro Frei José Marianno da Conceição Velloso, mineiro benemerito, que então dirigia em Lisbôa a Regia Officina typographica, chalcographica, typoplastica e litteraria do Arco do Cégo, teve as maiores facilidades para adquirir conhecimentos theoricos e praticos da arte de gravar e dos multiplos serviços e complexo mecanismo de um estabelecimento typographico.

Espirito laboriozo, investigador, infatigavel, o Padre Viegas de Menezes, embora sempre applicado a multiplos estudos e trabalhos, á pintura e outras bellas artes, ás industrias e artes diversas, não contente com o ensino theorico e pratico que, com assiduidade, recebia nas regias officinas do Arco do Cégo, procurou completal-os em auctores estrangeiros, de um dos quaes, Abrahão Brosse, traduziu e fez imprimir, em 1801, naquella mesma officina, o *Tratado da gravura á agua forte a buril e em madeira negra, com o modo de construir as prensas modernas e de imprimir em talho doce.*

E' um volume em 4.º de VIII—IX — 189 paginas, contendo 22 estampas (21).

---

(21) O Diccionario Bibliographico de Innocencio F. da Silva, vol. 4.º faz menção desse livro.

Á vista dos antecedentes expostos, o Governador Pedro Maria—bateu em mui bôa porta, para ver realizado o seu desejo.

Disposto a satisfazel-o, o Rvd.mo Viegas não deixou, comtudo, de ponderar ao Governador o crime em que ambos incorririam, attenta á prohibição estabelecida, sob penas severas, pela celebre carta regia de 6 de Julho de 1747, do uzo da imprensa no Brazil.

Retorquiu-lhe o Capitão General: «*Si é só isto não se afflija, tomo sobre mim toda a responsabilidade*.

Não houve mais como replicar.

Em pouco mais de 3 mezes de um trabalho aturado, paciente e pezadissimo, qual o de aplainar, polir e abrir onze chapas de diversos tamanhos, inclusive a do frontespicio, na qual foram fielmente retratados o Capitão General e sua esposa, bem assim imprimir em um imperfeito torculo quantos exemplares quiz o Governador que se tirassem, teve o Padre Viegas de Menezes o praser de concluir a penoza tarefa, sem outro incentivo mais sinão o de agradar ao Capitão General Pedro Maria, e exercer o proprio genio, todo dedicado ás bellas artes.

Eis ahi a summula do que, a respeito do assumpto, escreveu o illustrado Dr. Xavier da Veiga, fasendo arrancar do mais profundo esquecimento não só os meritos, como o proprio nome do seu benemerito conterraneo, o illustre mineiro Rvd.mo Padre José Joaquim Viegas de Menezes, o *fundador da imprensa mineira*, e que, como diz, merece ser gloriozamente denominado o *Guttenberg Brazileiro*, por isso que não só *creou*, por iniciativa fecunda e brilhante, a officina chalcographica acima descripta, como tambem porque foi o concurso de seu espirito instruido e experiente com o portuguez, residente em Villa Rica, Manoel José Barboza Pimenta e Sal, o braço habil na execução, animado por fervor de artista inculto, que determinou, mais tarde, em 1821, o que necessariamente devia resultar—a creação da primeira typographia em Minas Geraes, na qual foi editado o primeiro jornal mineiro: A *Abelha do Itacolumy*,—sahido á luz da publicidade a 14 de Janeiro de 1824,—sendo tudo feito por elles, typos,

prelo e utensilios, com auxilio somente de alguns operarios do Villa Rica, só com o material da terra e os recursos logo ahi improvisados.

Depois da descripção, pergunta o illustrado auctor da monographia — *Imprensa em Minas Geraes*, si acaso existe algum exemplar do poemeto do Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vascancellos, que deu logar a creação da primeira typographia do Padre Viegas de Menezes, e lamenta que o opusculo não figure entre os *cimelios* da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Pois bem!

Segundo verifico do respectivo Catalogo, o opusculo figurou na Exposição Historica, realizada no Rio de Janeiro no anno de 1881, tendo sido exposto pela Ex.ma Sr.a D. Joanna T. de Carvalho.

Vem consignado sob o numero 12:778, á pagina 1107, do segundo tomo do mencionado Catalogo, classe XI, § 4, lettra B; d'onde para aqui copio textualmente os dizeres de seu titulo, como tambem as informações que em esclarecimento a elle são ministradas.

Eil-os:

«Ao Ill.mo e Exm.° Snr. Pedro Maria Xavier de Athaide e Mello governador e capitão general da capitania de Minas Geraes no seu dia natalicio. (Por Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos) In. 4.°—9 ff inn.

« E' um «Canto». XX oitavas rimadas.

« Traz no principio charta dedicatoria do auctor, e no fim, em duas folhas separadas, Notas e um «Mapa do donativo voluntario que ao augusto principe r. n. s. offerecerão os povos da capitania de Minas-Geraes no Anno de 1806»

« O nome do auctor occorre no fim da dedicatoria.

« Na primeira folha abaxo do titulo occorre a seguinte nota mec:

« Primeiras provas de impressão calcographica pelo P.e José Joaquim Viegas de Me-

nezes natural de Ouro Preto, em o anno de 1807.

« O mesmo P.e abrio todas estas chapas e ainda mais outra com os retratos do Governador e de sua esposa p.a acompanhar este impresso, q. foi o primeiro publicado em Minas Geraes—J. M. Augusto M. . . »

Exp. D. Joanna T. de Carvalho.—»

O erudito Snr. Dr. Pires de Almeida, no luminoso artigo *A Imprensa*, inserto no *Jornal do Commercio*, do Rio, em dias de Maio do corrente anno, accrescenta:

« O rarissimo exemplar deste opusculo, pertencente hoje á Bibliotheca Nacional, foi a ella cedido pelo Dr. João A Alves de Carvalho, com a devida venia do barão Homem de Mello, que lh'o offertára como penhor de estima e signal de apreço por seus conhecimentos na materia. »

Do exposto vê-se que, felismente, ainda existe tão importante documento, attestando os esforços e talentos do illustre mineiro Rvd.mo Padre Viegas de Menezes, o creador e instituidor da imprensa em nossa chara Patria no seculo dezenoze, e o seu restaurador depois da prohibição contida na Carta Regia de 1747, que já em outro lugar fiz conhecida dos leitores.

De um modo irrefragavel e absoluto é, portanto, esse opusculo uma contestação á prioridade, no assumpto, attribuida ao Rio de Janeiro; e demonstra que o prelo construido em 1809 na *Imprensa Regia*, estabelecida nessa cidade, não foi o *primeiro construido* na *America do Sul*, como erroneamente affirmão documentos da epocha que, dentro em breve, os leitores terão occasião de apreciar.

O Rio de Janeiro inscreve-se no segundo logar da lista, quanto á posse da imprensa no Brazil, no presente seculo.

Historiemos.

O Commendador Antonio de Araujo de Azevedo, depois 1.º Conde da Barca, quando, em 1808, passou-se para

o Brazil, trouxe para o Rio de Janeiro a bordo da nau *Meduza*, em que viera de Lisbôa, uma typographia que mandára buscar em Londres.

Muitos escriptores suppoem ter sido esta a primeira imprensa que se estabelecêra no Rio de Janeiro, e outros creem que foi a primeira que o Brazil possuiu no presente seculo.

Quer uns, quer outros equivocam-se.

Em contraposição aos primeiros, já vimos que documentos attestam a existencia de uma typographia no Rio de Janeiro estabelecida durante o governo e sob os auspicios do zelozo Gomes Freire de Andrade, 1.º Conde de Bobadella, imprensa que foi destruida em virtude da ordem da metropole, datada de 1747; quanto aos outros, já vimos tambem, conforme a descripção ha pouco feita, que Minas Geraes teve em 1807 a imprensa chalcographica creada e fundada em Villa Rica (Ouro Preto) pelo engenho do Rvd.mo Padre Joaquim José Viegas de Menezes.

Além destas, uma typographia foi aberta, em 1706 ou pouco antes, na cidade do Recife de Pernambuco, segundo affirmou o Snr. Comendador Antonio Joaquim de Mello, em suas *Biografias*.

O erudito Snr. Dr. Pires de Almeida no luminosissimo artigo sobre a imprensa, inserto no grande organ Fluminense —*Jornal do Commercio*, consigna não «só a titulo de curiosidade, mais ainda para affirmar nossos direitos á prioridade entre os povos que primeiro installarão a imprensa nesta parte do mundo (*America do Sul*), que os Jesuitas das antigas missões Brazileiras já possuião typographia.»

«Entre outras (continúa o emerito escriptor Brazileiro) conhecem-se as impressões:

«*Arte de la lengua Guarani por el P. Antonio Ruiz de Montoya, de la Compania de Jesus, con los escolios, annotaciones y apendices del P. Paulo Restivo etc. En el Pueblo de S. Maria La mayor, el anno de el Señor M.DCC.XXIV.* -4.º *de* 2 *fls., 132—256. pags.*

«*E o Vocabulario de la lengua Guarani, compuesto por el Padre Antonio Ruiz etc. En el Pueblo de Santa Maria*

Le Major. El Ano de M.DCC.XXII 4.° de 2 f.as 589 pags.

«Qualquer destas duas obras é rarissima. A Bibliotheca Nacional deve possuir um exemplar que lh'o legára o ex-imperador; pertenceo primitivamente á collecção do emerito bibliophilo Brazileiro Dr. João Antonio Alves de Carvalho.»

Segundo verifiquei do respectivo *Catalogo*, na Exposição Historica, realisada no Rio de Janeiro, em dias de 1881, figuraram aquellas duas rarissimas e interessantes obras, tendo sido expostas pela Bibliotheca Nacional, que as possuem.

As investigações do erudito Snr. Dr. Pires de Almeida vieram lançar grande luz sobre o assumpto, porquanto os auctores que teem se occupado da imprensa no Brazil ou guardam áquelle respeito o maior silencio, ou (como o fazem os eminentes Historiadores Dr. Mello Moraes, o Pai, e o Rvd.mo Conego Dr. Fernandes Pinheiro) escrevem que não consta-lhes que os filhos de Loyola tenham introduzido em terras Brazileiras o grande invento de Guttenborg, nem que hajão dado nellas á estampa alguma obra.

Eis as palavras do primeiro dosses distinctissimos escriptores:

« El-Rei D. Manoel em consequencia de serem os Judeos os que se empregavão na arte typographica, perseguio aos typographos, chegando mesmo a prohibir-lhes, no anno de 1497 a leitura dos livros escriptos em hebraico. Depois tornou a reapparecer em Portugal, acontecendo ser esta arte divina, transportada para os confins da terra, pelos Jesuitas, *menos para o Brazil, onde não ha noticia que elles a exercitassem...*

«...Os Jesuitas pelo systema de restricção, e mesmo de oppressão que vião exercer a metropole para com o Brazil, limitavão-se á propagação do Evangelho, como meio de que podião dispôr para a civilisação dos Indios, e ao ensino de algumas faculdades aos filhos do paiz. Elles sentião a necessidade da imprensa, como meio rapido e facil á diffusão dos conhecimentos, porem não

lhes era permittido o uso della, porque a metropole portugueza não consentia.» (22)

O Rvd.mo Dr. Conego Fernandes Pinheiro, de saudosissima memoria, escreveu:

« Levárão os Jesuitas a arte typographica aos confins do globo, imprimindo em Cantão, Hiang-Kiang, Macáo e Nangosaki seus livros de devoção, revestidos das competentes licenças das auctoridades portuguezas. *Não nos consta porem que no Brazil lhes fosse licito o exercicio d'essa industria, e não sabemos que obra alguma fosse por elles ou sob seus auspicios dada á estampa em nossas terras.* Ora, não podendo recusarmos a esses regulares grande amor ás lettras, e o ardente desejo a propagal-as (posto que para seus fins), não explicamos essa auzencia de livros impressos, senão por particulares recommendações do governo metropolitano, a quem todo o desenvolvimento intellectual das colonias causava zelos.» (23)

Voltemos á typographia de Conde da Barca.

Napoleão Bonaparte (coguominado o grande) que era imperador dos Francezes, desde 1804, e que agitava os povos, no estulto intuito de formar do mundo um só Imperio, em que assentasse seu throno, cheio de vangloria pelas admiraveis victorias obtidas pelas armas Francezas, concebeu o plano de fazer fechar todos os portos da Europa á Inglaterra, afim de ferir com um golpe mortal a esta grande potencia, então dominadora dos mares o inimiga da França.

Esta audaz medida foi imposta a Portugal, que com a França achava-se ligado por tractados de amizade.

No intuito de preparar um azilo, onde com toda a segurança a Monarchia Portugueza se salvasse e podesse zombar das armas Francezas, a Côrte de Lisbôa aconselhou ao Principe Regente mandar para o Brazil, a rei-

(22) *Historia da Trasladação da Côrte Portugueza para o Brazil.*

(23) *A Typographia no Brazil.*

dir em S. Paulo, com o titulo de Condestavel, o Principe da Beira — D. Pedro — o mais velho de seus filhos vivos que, então, contava apenas nove annos de edade; devendo vir acompanhado por Frei Antonio da Arrabida (depois Bispo de Anemuria) como seu Secretario e mentor.

Ja tinha sido redigida e impressa uma proclamação, (que não foi distribuida), datada de 2 de Outubro de 1807, em que o Principe Regente annunciava aos Brazileiros tão transcendente medida; quando, semanas depois, chegou á Lisbôa a noticia de que tropas Francezas, sob o mando do General Junot, haviam penetrado no territorio de Portugal (Abrantes); á vista do que, e da carta arrogante do mesmo General, communicando a sua entrada, e estranhando que ninguem ainda tivesse ido encontral-o e fallar-lhe: como inimigo a batel-o, como amigo a dar-lhe viveres para seu exercito que delles necessitava; o Conselho de Ministros votou unanimemente pela retirada do Principe Regente para o Brazil, aproveitando-se da esquadra que se tinha promptificado para a viagem do Principe da Beira.

Vendo Portugal ameaçado, pela Inglaterra por mar, e pela França por terra, e não podendo guardar neutralidade, o Principe Regente acceitou immediatamente o sabio alvitre de seus Conselheiros, e resolveu transmigrar-se com toda a Familia Real para o Brazil e estabelecer-se no Rio de Janeiro até a paz geral; e, executando a sua resolução, embarcou, a 27 de Novembro, com a Rainha mãe, os Principes, Princezas e toda a Côrte, e, dois dias depois, largou o Tejo fazendo-se de véla em demanda do Brazil. [24]

---

(24) O Dr. Mello Moraes (o Pai) em sua importante obra *Historia da Trasladação da Côrte Portugueza para o Brazil*, escreveu á pag. 61.

«O dia 29 de Novembro de 1807, foi o marcado pela DIVINA PROVIDENCIA para o Snr. D. João, principe regente, pôr em execução o pensamento de alguns eminentes estadistas portuguezes que fermentava a mais de dous seculos, transferindo a séde da monarchia para o abençoado continente brazileiro.»

O estabelecimento da séde da Monarchia Portugueza no Rio de Janeiro, trouxe, como era de prever, para a Colonia uma serie de melhoramentos e progressos de ordem material e moral: seus portos foram desde logo abertos ás Nações do mundo que se achavam em paz com Portugal, [1.º decreto do Principe Regente em terras Brazileiras) ficando assim estabelecida a liberdade do commercio e da industria.

Com a nova organisação dada á Colonia, crearam-se, nesse mesmo anno de 1808, diversas instituições, estabelecimentos de utilidade publica, tribunaes, academias, exercito e marinha. Por diversos Decretos datados de Abril a Novembro, instituiram-se na nova Côrte o Conselho Supremo Militar, o Archivo Militar, uma cadeira publica da sciencia economica no Rio de Janeiro, a Meza do Desembargo do Paço, da Consciencia e Ordens, a Academia Real de Marinha, a casa de supplicação do Brazil á que foi elevada a Relação do Rio de Janeiro, o Erario Regio, o Conselho de Fazenda, a Fabrica de Polvora, a Real Junta do Commercio, a Escola Anatomica, Cirurgica, Medica e o Banco do Brazil.

D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois 1.º Conde de Linhares, o grande estadista que tantos e tão assignalados serviços prestou á cauza do Brazil e que, comprehendendo suas necessidades, foi quem inspirou, a despeito das mesquinhas idéas dos outros fidalgos da Côrte Portugueza, as mais uteis e convenientes medidas decretadas pelo Principe Regente, e das quaes foi o iniciador, não podia deixar no olvido o maravilhoso invento de Guttenberg.

Assim, foi estabelecida a *Imprensa Regia* no Brazil.

No dia 13 de Maio daquelle anno de 1808, dia memoravel nos fastos da Monarchia Portugueza, por assignalar o anniversario natalicio de D. João VI, então Principe Regente, foi promulgado o seguinte Decreto, que vai referendado por aquelle grande estadista, que occupava as pastas de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra:

«Tendo-me constado que os prelos, que se acham

n'esta Capital, eram os destinados para a secretaria de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, e attendendo á necessidade que ha da officina de impressão nestes meus Estados, sou servido que a casa onde ellos se estabeleceram, sirva interinamente de imprensa regia, onde se imprimam exclusivamente toda a lesgilação e papeis diplomaticos que emanarem de qualquer repartição do meu real serviço, e se possam imprimir todas e quaesquer outras obras, ficando interinamente pertencendo o seu governo e a administração á mesma secretaria.

D. Rodrigo de Souza Coutinho, do Meu Conselho de estado, ministro e secretario dos negocios estrangeiros e da guerra, o tenha assim estendido, e procurará dar ao emprego da officina a maior extensão, e lhe dará todas as instrucções e ordens necessarias, e participará a este respeito a todas as estações o que mais convier ao meu real serviço. Palacio do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1808.» Com a Rublica do Principe Regente, Nosso Senhor.

A typographia que, assim, foi convertida em *Imprensa Regia*, foi a mesma trazida de Lisbôa pelo Conde da Barca.

Entre os diversos escriptores que consideram essa imprensa como a primeira que o Brazil possuiu, figura o Rvd.mo Padre Luiz Gonçalves dos Santos (25), cujas palavras aqui transcrevo textualmante de sua importante obra *Memorias para servir á Historia do Reino do Brazil:*

« O Brazil até o feliz dia 13 de Maio do anno de 1808 não conhecia o que era Typographia: foi necessario que a brilhante Face do Principe Regente Nosso Senhor bem como o refulgente Sol, viesse, vivificar este Paiz, não só quanto á sua Agricultura, Commercio, e Industria, mas tambem quanto ás Artes, e Sciencias, dissipando as trevas da ignorancia; cujas negras, e medonhas nuvens cobrião todo o Brazil, e interceptavão as luzes

(25) Por de estatura nimiamente pequena, era cognominado *Perereca*.

da sabedoria. Assim, por Decreto datado deste mesmo dia dos seus felizes Annos, Sua Alteza Real foi servido mandar que se estabelecesse nesta Côrte a Imprensa Regia, para nella se imprimirem exclusivamente toda a Legislação, e Papeis Diplomaticos que emanarem de qualquer Repartição do Real Serviço, e tambem todas, e quaesquer obras, concedendo a faculdade aos seus Administradores para admitterem aprendizes de Compositor, Impressor Batedor, Abridor, e demais officios que lhe sejão pertencentes. Este maximo beneficio, que Sua Alteza Real outorgou ao Rio de Janeiro, he bem de esperar que se communique á Bahia, e tambem ás Capitaes das principaes Provincias do Brazil, visto o systema liberal que o Mesmo Augusto Senhor tem adoptado a favor de seus vassallos desta parte de seus Dominios, e que se imprimão na America Portugueza Obras muito interessantes, que, ou já compostas, fazem na poeira do esquecimento, e do desprezo, ou que para o futuro se hajão de compor, facilitados os meios de se darem á luz pelo prelo.» (26)

O erudito Snr. Dr. Pires de Almeida no luminoso artigo, a que me tenho referido, escreveu:

« Com respeito ao Brazil, tem passado sem protesto que D. João VI fundára, a 13 de Maio de 1808, o *primeiro estabelecimento typographico* no Rio de Janeiro; inverdade historica esta que está a pedir corrigenda.»

Releve-me o distintissimo escriptor dizer-lhe: a corrigenda já está feita, o protesto já foi interposto.

Distinctos Historiadores, quaes, os Drs. Moreira de Azevedo *(Origem e desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro)* Mello Moraes, o Pai *(Historia da Trasladação da Côrte Portugueza)* Conego Dr. Fernandes Pinheiro *(A Typographia no Brazil)* Dr. Teixeira de Mello *(Ephemerides Nacionaes)* Dr. Xavier da Veiga *(A Imprensa em Minas Geraes)* Dr. Dias Cabral *(Esboço Historico)* todos tratam, uns extensamente (como o primeiro dos mencionados) outros em simples passagens, da officina typographica

(26) Tomo I, pagina 80,

fundada no Rio de Janeiro por Antonio Izidoro da Fonseca, durante o governo e sob os auspicios de Gomés Freire de Andrada, 1.º Conde de Bobadella, officina esta que mais tarde foi extincta, em virtude de ordem da metropole expedida em 1747.

O proprio Dr. Souza Martins, que foi o primeiro (segundo creio), a escrever sobre o jornalismo no Brazil, si não trata da officina de Antonio Izodoro, nem menciona as diversas tentativas feitas para a introducção da imprensa no Brazil, não affirma que fosse D. João VI quem fundou o primeiro estabelecimento typographico no Rio de Janeiro.

Pelo contrario, de suas palavras se deprehende que, antes daquella epocha (1808) como que se tentára alguma couza a respeito, porquanto, depois de dizer que a imprensa tinha sido inventada no meiado do seculo 15.º e desde então usada em toda a Europa, accrescenta: «mas a censura e o systema colonial portuguez *nunca toleraram* que ella se estabelecesse no Brazil até a vinda para o Rio de Janeiro da familia real de Portugal em 1808.»

Verdade é, entretanto, que muitos creem e affirmam ainda que a fundacção da imprensa, não apenas no Rio de Janeiro, mas no Brazil, cabe a D. João VI, então Principe Regente. (27)

---

(27) Agora mesmo, a *Nação*, importante orgam da Imprensa Paulistana, saudou o dia 10 de Setembro como um dia gratissimo para os que trabalham no jornalismo Brazileiro, por ser o dia em que a Imprensa Brazileira contava 89 annos de luctas cerradas, de louros imperecivéis.

Todos sabem que nesse dia sahiu á luz da publicidade o primeiro jornal do Brazil, impresso na imprensa Regia, creada por D. João.

Foi preciso que, no dia seguinte, um illustre cavalheiro viesse offerecer contestação, mostrando que 1807 a laboriosa e opulenta Minas Geraes creára uma typographia chalcographica, obra exclusivamente Mineira, graças ao engenho do Rvd. Padre José Joaquim Viegas de Menezes,—fazendo um resumo do que tão desenvolvidamente fôra dito pelo illustrado Dr. Xavier da Veiga, em sua importante memoria,

Minas Geraes tem justa razão de gloriar-se, por ter sido a primeira localidade do Brazil em possuir uma typographia no presente seculo, sendo o trabalho todo de producção Mineira; mas o Rio de Janeiro, por seu turno, tem motivo de grande devanecimento: foi a primeira parte do Paiz em que a imprensa recebeu o *placet* do Governo, foi instituida legalmente.

Em sua inauguração, a *Imprensa Regia* (mais tarde denominada Typographia Nacional, e finalmente *Imprensa Nacional*, denominação que ainda hoje conserva) foi installada no pavimento terreo ao edificio em que residia Antonio de Araujo Azevedo (1.º Conde da Barca) e que, posteriormente, foi occupado por muitos annos pela Secretaria dos Negocios da Justiça, á Rua de Passeio.

Ahi permanecem algum tempo, sendo transferida depois para a Rua dos Barbonos, proximo do Hospicio de Jerusalem, donde, em 1822, volton á primitiva installação, indo, em 1860 estabelecer-se em edificio proprio construido, á Rua da Guarda Velha, no mesmo local em que existia a casa do antigo Thesouro da Corôa, que fôra destruida por um incendio no dia 30 de Junho de 1852, quando servia de azilo a muitas familias pobres de servidores da Nação e de deposito das Obras publicas.

Posteriormente, foi transferida para o novo e imponente edificio construido, a mesma Rua da Guarda Velha, n.º 2, onde se conserva.

A officina typographica recebia aprendizes, percebendo 160 reis diarios, ao entrar; no fim de seis mezes o salario era elevado 240 réis e no fim de um anno a 400 réis. O aprendiz que no correr da semana não desse falta ao serviço, tinha uma gratificação.

Para a administração da officina, foi creada uma junta Directora, composta de seis membros, percebendo cada um o ordenado de 240$000 annuaes, sendo que o Thesoureiro recebia mais a quantia de cem mil réis.

A primeira Junta Directora compunha-se do Desembargador José Bernardes de Castro, José da Silva Lisbôa, (depois Visconde de Cayrú) Marianno José Pereira da Fonseca (depois Marquez de Maricá) Silvestre Pinheiro

Ferreira, Manoel Ferreira de Araujo Guimarães e do Rvd.mo Conego Francisco Vieira Goulart.

O Thesoureiro era Marianno José Pereira da Fonsecca, e na sua vaga entrou José Saturnino da Costa Pereira, que, alem do ordenado, percebia mais uma gratificação como revisor de provas.

Essa Junta da Direcção da Typographia Nacional, que tinha sido creada por Decreto de 13 de Maio de 1808 e Instrucções de 24 de Junho do mesmo anno, e de 17 de Fevereiro de 1816, foi extincta em 1830, por um Decreto do Poder Executivo datado de 8 de Dezembro.

Em virtude das disposições do artigo 2.º desse Decreto, a Typographia Nacional passou a ser administrada pelo seguinte pessoal: um Director, percebendo o ordenado annual de 800$000 reis e mais uma gratificação de 5 % do rendimento liquido da officina, e que cessaria si não fosse annualmente decretada, segundo os interesses do estabelecimento; um Administrador, tendo a seu cargo a guarda e o asseio do estabelecimento e o pagamento dos operarios, percebendo o ordenado de 750$000 réis, e um Guarda-livros para fazer a necessaria escripturação, com o ordenado de 600$000 reis. O pessoal era todo de commissão, e o Director responsavel pelos erros da typographia que apparecessem nas Leis que se imprimissem, devendo fazer a reimpressão a sua custa.

Esse Decreto isentou de todo o serviço militar não só as pessôas que se occupassem no trabalho da Typographia Nacional, como no das particulares; por fim determinou que os impressos da Typographia Nacional não se déssem gratuitamente á pessoa alguma, exceptuados porem, os que pertencessem ás Camaras Municipaes, os que devessem ser distribuidos ás estações e auctoridades publicas.

O primeiro Director da Typographia Nacional foi o Rvd.mo Conego Januario da Cunha Barbosa, e o seu successor o Dr. Francisco Chrispiniano Valdetaro.

Sendo a Typographia Nacional a unica existente, para ella affluiu muito trabalho, fasendo-se necessario, para dar vasão ás impressões, construir-se um prélo de ma-

deira, obra perfeita da arte, no dizer do doutor Melho Moraes (o Pae).

Para perpetuar-se a lembrança dessa obra, imprimiu-se um quadro com os seguintes dizeres:

Á IMMORTALIDADE DO REAL E SEMPRE AUGUSTO NOME DO PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR, É DEDICADA A ESTRÉA DO PRIMEIRO PRÉLO, CONSTRUIDO NA AMERICA DO SUL, NO RIO DE JANEIRO, NO ANNO DE M DCCC IX.

« O primeiro construido na America do Sul,» diz o quadro, mas não o foi, porquanto já em 1807 o engenho e arte do illustre mineiro Rvd.mo P.e José Joaquim Viegas de Menezes tinham creado, como foi acima descripto, a typographia chalcographica, em Villa Rica [Ouro Preto) com o seu competente tórculo, que, si não foi uma *obra prima*, foi a *primeira*, no Brazil.

A elle, pois, toda a honra e gloria!

Pelo Decreto da creação da Imprensa Regia, era permittido em suas officinas, conforme o texto que os leitores já conhece, imprimir qualquer obra particular, mas pelas Instrucções que a regiam, quem quer que desejasse publicar algum escripto, o apresentaria previamente á Junta Directoria com um requerimento, e somente depois de obtido despacho é que poderia dar-se a impressão. Quando o manuscripto dizia respeito á Religião, á legislação ou á politica, a Junta era auctorisada a mandar revel-o por pessoas de profissão competente, a quem dirigia, para esse effeito, um officio em *nome de Sua Alteza Real*, exigindo o seu juizo ou approvação por escripto, á vista da qual se mandava imprimil-o com as correcções necessarias, e mediante licença da Secretaria de Estado.

Era, portanto, ficticia a liberdade da imprensa em nossa chara Patria.

A esse respeito diz o erudito Brazileiro Hypolito José Soares da Costa, redactor do *Correio Braziliense:* (28)

(28) Era impresso em Londres.

Durou de Junho de 1808 a dias de 1822, publicando-se 29 volumes.

« A difficuldade de publicar obras periodicas no Brazil, já pela censura previa, já pelo perigo a que os redactores se exporiam fallando livremente das acções dos homens poderosos, fez cogitar o expediente de imprimir semelhantes obras em paizes estrangeiros. A França e a Inglaterra foram principalmente os pontos de reunião dessas publicações desde a epocha em que a familia real passou a ter a sua residencia no Rio de Janeiro. Aberto este canal, póde dizer-se que se estabeleceu a liberdade de imprimir no Brazil, posto que não no Brazil.»

A Imprensa Nacional tem passado por diversas reformas; a ultima no dominio da Monarchia foi estabelecida pelo Decreto n.º 9381 de 21 Fevereiro de 1885.

No actual regimem, foi já reformada, pelo Decreto n.º 1541 C. de 31 de Agosto de 1893, quando foi expedido novo Regulamento, que é o pelo qual está se regendo.

Ha na *Imprensa Nacional*, em virtude das disposições desse Regulamento, duas secções: A Secção Central e a Secção das Artes.

A Secção Central comprehende a Secretaria, a Contabilidade, a Thesouraria e o Almoxarifado.

A Secção das Artes é subdividida de seguinte modo:

I Typographia, comprehendendo duas secções: uma destinada á *composição, revisão e impressão* das publicações de todos os trabalhos graphicos e accessorios de que precisarem as Camaras Legislativas, as Secretarias de Estado, os Tribunaes de Justiça, e as Repartições e Estabelecimentos Publicos da Capital Federal, mediante a devida indemnisação; e de eguaes trabalhos, (sem pretirição destes) para os Governos dos Estados, Camaras Municipaes e particulares, sob a mesma condição. A outra Secção é encarregada especialmente da *composição, revisão, impressão e distribuição do Diario Official*, sem entretanto, excluir os outros trabalhos quando houver urgencia.

II Estamparia, que comprehende os *serviços de gravura* de differentes especies, e o da respectiva *impressão*.

III Serviços Accessorios, comprehendendo a offi-

cina de *encadernação, cartonagem e brochura, e os serviços de pautação e da expedição de encommendas.*

IV Fundição de Typos, com *o serviço de stereotypia e galvanoplastica.*

V Officinas de Machinas, comprehendendo os serviços de *reparo e assentamento de machinas, dos motores e transmissões de carpintaria e obras.*

VI Officinas de Composição e impressão e o *serviço de distribuição do Diario Official.*

Alem do Administrador, que percebe 8.400$000 reis de vencimentos annuaes, ha na Imprensa Nacional o seguinte pessoal: na Secção Central, um chefe da Secção. 3 Escripturarios (1.º 2.º 3.º) um Thesoureiro, um Almoxarife, um Fiel, um Porteiro, e um Continuo; na Secção das Artes: um chefe da Secção, um mestre da officina de composição, um contra mestre da mesma officina, um chefe de revisão, um mestre e um contra mestre da officina de impressão, um mestre, um contra mestre da officina da fundição de typos, um official de stereotypia e galvanoplastia, um mestre, um contra mestre da officina dos serviços accessorios, diversos chefes, para os serviços de gravura, de impressão lithographica, de reparos de machinas, de expedição, de pautação (um para cada serviço) machinista de motores, carpinteiro, apontador geral e agente do almoxarifado.

Os empregados do Diario Official são alem do Director, que percebe sete contos de reis de vencimentos, um Redactor, tres auxiliares, um agente externo, um chefe de revisão um paginador e um impressor machinista.

Ha, alem desse pessoal, mais os escreventes de officinas, revisores, conferentes, chefes de turma, artistas pagos a jornal ou por obra, aprendizes, empregados avulsos e serventes que forem necessarios.

O numero e vencimento do pessoal pago a jornal deve constar de um quadro organisado, annualmente antes de começar o exercicio, pelo Administrador da Imprensa, que o submetterá á approvação do Ministerio da Fazenda.

Que praser, enthusiasmo e, digo mesmo, que admiração, não experimenta hoje, si fosse vivo, Antonio de Araujo de Azevedo, 1.º Conde da Barca, ao fazer o confronto da actual *Imprensa Nacional* com a antiga *Imprensa Regia!*

Que differença entre o que passa-se hoje com o que dava-se, ha cerca de noventa annos, relativamente á nascente organisação typographica, seus recursos e objectivos!

A modesta officina que, apenas, possuia uns poucos typos, uma pequena fundição, e que funccionava em um humilde compartimento da sua residencia, entregue a um limitado pessoal de insignificantes vencimentos; hoje acha-se convertida em um colosso, (si me permittem a expressão) dispondo de cinco machinas movidas a vapor, de *Marinonis rotativas*, trezo prelos manuaes, tudo do mais aperfeiçoado que o engenho humano ha descoberto, tendo occupado em seu serviço cerca de cento e cincoenta empregados, a fóra o pessoal dirigente, já mencionado em outra parte, de vencimentos elevados, funccionando em soberbo e elegante edificio dotado de todas as accommodações necessarias!

Acclamada, em 1820, a Constituição Portugueza, o echo dentro em breve encontrou, como era de prever, facil repercursão no Brazil, produzindo esta agitação, que sempre desperta uma ideia nova, abraçada immediatamente com fervor e enthusiasmo por um Povo, ainda jovem, mas que sonhava com uma Patria e com a Libordade.

Desde logo recorreu-se á Imprensa, como o mais poderoso elemento de propagação e bom exito das novas doutrinas e reformas sociaes, em que se antevia a regeneração patria.

Dahi a publicação de gazetas, periodicos e avulsos excitando o povo em favor da causa; d'ahi a necessidade de estabelecimento de novas typographias.

Logo nesse anno, de 1820, Zeferino Victor Meirelles, estabeleceu uma, á rua dos Barbonos n.º 72, que foi a segunda creada na Cidade.

Em 1824 já existiam cinco typographias, sendo, a Imprensa Regia, e quatro de particulares, entre esta a

de Emilio Seignot Plancher, sita á Rua do Ouvidor n.º 203, da qual mais tarde sahio o *Jornal do Commercio*.

Em 1827 possuia a Cidade 6 typographias, no anno seguinte 7, em 1832, 8, n.º que em 1842 elevou-se a 12.

Eram 16 as que existiam em 1845, no anno de 1847 eram 18, e dous annos depois, 19.

Contavam-se 25 typographias em 1850; 26, em 1854; 28 em 1860; 30 em 1861 e 1862; em 1863 o n.º elevou-se a 32, havendo alem disso 3 fundições de typos.

No anno de 1874 eram 41 as typographias que existiam; no de 1889 contavam-se 76, sendo no presente anno (1897) 71.

Grande n.º dellas são verdadeiras emprezas, dispondo de fundições de typos etc.

Vê-se que foi fertil o terreno que, em 1808, recebeu a semente lançada pelo Conde da Barca.

Depois do Rio vem a Bahia.

Sua imprensa dáta de 1811, e foi estabelecida a esforços e por solicitações de D. Marcos de Noronha e Brito, 8.º Conde dos Arcos.

Precedido de um grande renome, obtido nas administrações do Pará, de que foi Governador (posse em 22 de Setembro de 1803) e no Rio de Janeiro, no caracter do 16.º e ultimo Vice Rei do Brazil (cargo que exerceu desde 1806 até a chegada de D João VI, então Principe Regente, em cujas mãos entregou) D. Marcos foi despachado, Governador e Capitão General da Bahia, assumindo o exercicio das respectivas funcções a 30 de Setembro de 1810.

Dentro em breve a Capitania sentiu o influxo de sua nova administração: o commercio, as lettras, as artes e industria, tudo expandiu-se, tomou grande progresso e desenvolvimento.

Quanto á instrucção publica, D Marcos estabeleceu cadeiras, cuja creação obteve do Governo da metropole,

servindo-se da grande influencia que alli encontrava sua pessoa.

Logo depois de sua chegada, fez inaugurar a aula publica do commercio, que havia sido creada por Alvará de 15 de Julho de 1809; estabeleceu a fundição militar, offerecendo á Côrte as primeiras balas ali fundidas, (conforme lhe foi agradecido pelo Avizo de 15 de Julho de 1811); creou regimentos de milicias em diversas Villas; promoveu a navegação fluvial; fundou diversos destacamentos para conterem os gentios barbaros, fez abrir estradas para facilitar a communicação do sul com a Provincia de Minas.

Durante o seu governo concluiu-se o theatro, que havia sido começado na administração do Conde da Ponte (29) construiu-se e foi solennemente inaugurado o edeficio da Bolsa, ou Praça do Commercio da Cidade, para o qual contribuiu com donativos pecuniarios; pelo que o Commercio, penhorado, offereceu-lhe uma espada de honra, primorosamente fabricada em Londres, e mandou collocar o seu retracto na sala principal daquelle edificio. (30)

Dotando a Capitania de tantos e tão grandes melhoramentos, D. Marcos não podia deixar no olvido o

---

(29) João de Saldanha da Gama de Mello Torres Guedes de Brito.

(30) Nas *Ephemerides Nacionaes lê-se:*

«Por Decreto de 6 de Outubro do mesmo anno (1817) concedeu-se licença aos negociantes Pedro Rodrigues Bandeira, José Ignacio Accioly, Antonio da Silva Paranhos e Francisco Martins da Costa, como procuradores *ad hoc* dos habitantes da Bahia, para, como tinham requerido instituirem um vinculo de cem contos de reis em acções do banco daquella cidade, em beneficio do dito Conde (dos Arcos) e seus descendentes em lembrança de sua acertada administração como Governador.

Não nos occorre que a historia registre outro egual facto.»

maravilhoso invento de Guttenberg, a imprensa, que serlhe-ia um poderoso auxiliar para a melhor realisação de seu plano de governo. (31)

Mostrando ao negociante Manoel Antonio da Silva Serva as vantagens que poderia auferir de um estabelecimento typographico, para elle solicitou e obteve a necessaria licença para a fundação de uma officina na Cidade de S. Salvador da Bahia.

A licença foi concedida por Carta Regia de 5 de Janeiro de 1811, e a typographia dentro em breve começou a funccionar, tanto assim que della sahio, nesse mesmo anno, a gazeta *Idade de Ouro do Brazil*, que foi o primeiro jornal da Capitania e o segundo do Brazil, sendo nella tambem impresso, nesse mesmo anno, o *Plano para o estabelecimento de huma bibliotheca publica na cidade de S. Salvador Bahia de Todos os Santos, offerecido... Sr. Conde dos Arcos, capitão general desta Capitania.*

Debalde tem sido meus esforços, no intuito de obter tão importante documento, que não se encontra nas collecções da Legislação Patria, talvez pelo facto de referir-se a actos puramente administrativos.

---

(31) O venerando Visconde de Porto Seguro diz, referindo-se ao Conde dos Arcos:

«Ao seu governo deveu a Bahia a sua primeira officina typographica e a primeira bibliotheca, alem de muitas obras com que se ennobrecen a cidade.»

O douto Accioly escreve em suas *Memorias Historicas*: «Em todo o decurso de sua administração manifestou ser um daquelles homens capazes de felicitar os povos sujeitos a sua jurisdicção, distinguindo-se pelo seu genio vasto e creador, ao qual deve a Bahia grande parte da consideração de que gosa etc.»

«Manda a verdade historica, (diz o illustrado autor das *Ephemerides Nacionaes*) que consignemos o reverso da medalha aos olhos da posteridade, que tambem foi o Conde dos Arcos o primeiro que creou commissões militares no Brazil. Quatro das execuções que se fizeram em patriotas do movimento de 1817, foram por elle ordenadas.»

«As de 1824, em Pernambuco e no Ceará, accrescenta Abreu e Lima, foram filhas posthumas do Conde dos Arcos.»

Mencionei-a, firmando-me nas palavras do douto Accioly, em suas *Memorias Historicas*, fonte em que fui beber a maior parte das noticias acima, ás quaes acrescentei algumas outras encontradas em outros auctores por mim consultados e já aqui referidos.

Será mesmo de *5 de Janeiro* de 1811 a Carta Regia da concessão da licença?

Esta minha pergunta provém do facto de dar o illustrado Snr. Dr. Teixeira de Mello em suas *Ephemerides Nacionaes* outra data áquella Carta, isto é—*5 de Fevereiro* de 1811.

Eis as proprias palavras de tão distincto escriptor: «—Fevereiro—5—1811. Por instancias do Conde dos Arcos, governador e capitão general da Bahia concede a carta régia desta data o 1.º estabelecimento typographico d'aquella capitania. Dos prelos d'essa typographia sahiram a *Gazeta* e o *Almanak*.»

Abreu e Lima, o illustre auctor da *Synopsis*, está de accordo com Accioly, quanto á data da Carta Regia.

Ha, portanto, a differença de um mez, entre as datas a ella attribuidas.

Quanto a mim, o illustrado Sr. Dr. Teixeira Mello labora em equivoco, ou dá-se em seu trabalho erro typographico, de compaginação, de que não se apercebeu para resalval-o na corrigenda que fez a *Ephemerides*.

Assim me exprimo, porque leio o seguinte nas mesmas *Ephemerides*, entre os factos occorridos a 5 de Janeiro: «—1811—O Conde dos Arcos, governador da Bahia concede ao arcebispo [D. frei José de Santa Escolastica) a faculdade de escolher censores entre as pessoas illustradas da Capitania para a GAZETA denominada EDADE DE OURO DO BRAZIL,—primeira que publicou-se na Bahia, e cujo 1.º numero appareceu neste anno de 1811; sahia duas vezes por semana.»

Ora, como é que sendo de *5 de Fevereiro* a Carta Regia que concede, a instancias do Conde, a licença para o primeiro estabelecimento typographico, e já um mez antes, *a 5 de Janeiro*, o mesmo Conde confere ao Arce-

bispo a faculdade de escolher censores para a primeira Gazeta impressa naquella officina typographica?!

Equivoco manifesto!

Tenho ainda a notar que, segundo Accioly e Abreu e Lima, a mesma Carta Regia que concede a permissão para o estabelecimento da typographia é que faculta ao Conde e ao Arcebispo o poder de escolher censores entre as pessoas illustradas, ao passo que, conforme se lê no texto agora transcripto, as *Ephemerides*, dão o Conde conferindo ao Arcebispo aquella faculdade.

Seja, porem, qual fôr a verdadeira data: *5 de Janeiro, ou 5 de Fevereiro,* seja quem fôr que faça a escolha de censores, o certo é que a concessão para o estabelecimento da typographia deu-se em 1811, e dentro em breve a officina começou a funccionar, produzindo obras: provam a «Idade de Ouro do Brazil» e o «Plano para o esta belecimento de uma bibliotheca publica na cidade de S. Salvador Bahia de Todos os Santos.», acima já mencionados.

(Continúa)